

Grito de vozes silenciadas na textualidade do revide

Rejane Seitenfuss Gehlen*

Resumo: O presente trabalho busca relacionar a contística de João Melo a uma literatura de resistência, refletindo sobre a condição periférica das personagens e sua relação com o contexto refratado. Sob o ponto de vista do revide à situação de opressão, emerge uma literatura engajada, redimensionada sob a perspectiva pós-colonialista, para fazer frente à dominação, nesse caso, masculina e neocolonial representadas, pela antiutopia contemporânea e pelo formalismo pós-moderno, esse, subvertido pela metalinguagem, pela paródia e pela reversão de suas expectativas de leitura. A análise volta-se às representações da subalternidade da mulher angolana e sua tentativa de emancipação, e ao discurso de construção identitária, vinculado à situação de minoria, duplamente marginalizada.

Palavras-chave: Condição feminina. Emancipação. Identidade. Literatura engajada. Subalternidade.

*Aquela mulher que rasga a noite
com seu canto de espera
não canta, abre a boca
e solta os pássaros
que lhe povoam a garganta.*
Paula Tavares

No momento em que as fronteiras se tornam líquidas e o conhecimento é profundamente transformado pelo excesso e pela velocidade da informação globalizada, conceitos são revistos e novos rumos se delineiam para a sociedade. O ser humano, fragmentado em meio aos avanços científicos e tecnológicos, busca fazer-se sujeito da história que vive. Contudo, as relações de dominação perduram e assumem novas características. Assim, as literaturas africanas de língua portuguesa, no período pós-colonial, distinguem-se pelo compromisso com a coletividade cujas identidades ajudam a construir. As relações entre o literário e o social, nesse caso, são

* Mestranda em Letras, área de concentração: Literatura, Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e Missões, campus de Frederico Westphalen.

<i>Revista Língua & Literatura</i>	FW	v. 12	n. 18	p. 157-169	Ago. 2010. Recebido em: 16 ago. 2010. Aprovado em: 30 ago. 2010.
--	----	-------	-------	------------	---

singularmente estreitas e reveladoras da função que a sociedade atribui à literatura e ao papel representado pelas obras literárias.

A literatura, comprometida com a construção identitária de uma nação e dos indivíduos que a constituem, assume traços de um processo de descolonização levado a efeito sob diferentes formas. A utilização de estratégias discursivas, a contrapelo do cânone europeu, assinala um percurso que abrange a releitura do imaginário popular no contexto da Angola do século XXI. A literatura engajada, assim como Jean-Paul Sartre a define, caracteriza-se pela escolha ética, responsabilidade, urgência e referência ao tempo presente e aos interesses sociais e políticos da época, revelando um escritor preocupado com o sentido político do seu fazer, como se receasse pela não necessidade de uma literatura voltada sobre si própria, dissociada do mundo. Um texto literário notadamente voltado ao social, como o produzido pelo escritor João Melo, não deixa de convocar análises da pós-modernidade e suas implicações no âmbito das culturas africanas, sobretudo, de seu país. Os textos situados neste panorama são construídos numa perspectiva convexa que não perde de vista o horizonte angolano, ao contrário, toma-o como referência no diálogo com outras literaturas e culturas.

Ao qualificar a linguagem como um prolongamento dos sentidos humanos, o pensador francês abre espaço ao questionamento sobre a finalidade da escrita. Em sua resposta, destaca que escreve-se para desvendar o mundo. “Um escritor é engajado quando trata de tomar a mais lúcida e integral consciência de ter embarcado, isto é, quando faz o engajamento passar, para si e para os outros, da espontaneidade imediata ao plano refletido” (SARTRE, 1993, p. 61- 62).

Se a literatura assume características de espelho para a sociedade, diante da própria imagem, resta assumi-la ou transformar-se. Essa imagem, no contexto da literatura engajada, pode ser ampliada para refração, uma vez que a tomada de consciência consiste na motivação para agir e transformar a realidade identificada. A literatura angolana, inserida no contexto das produções literárias africanas de língua portuguesa, é abordada a partir do esforço de autonomia e busca de identidade, iniciado no período colonial. Os contos do escritor angolano tomados como referência para o presente estudo, situam-se no período pós-colonial e, como tal, trazem à tona os elementos de construção identitária tanto no plano individual, quanto em nível de nação.

Um aspecto importante da escrita pós-colonial é a utilização que o escritor faz da língua portuguesa. O código do colonizador é subvertido, angolanizado através da forma particular com

que ocorre a construção sintática e lexical. Não é mais a língua do colonizador, trata-se de uma nova forma de comunicação, legitimada pelo uso efetivo que dela fazem os angolanos, uma língua viva, a revelar a multiplicidade de vozes e tons que constituem um país.

O referente contextual mostra que a metrópole não mais detém exclusividade na dominação. As diversas situações de exclusão nas ex-colônias se contrapõem, no âmbito interno, à luta pela emancipação. Os musseques e todo contexto de pobreza e violência dos bairros de Luanda são herança do passado colonial, que se projeta no presente sob a forma de opressão econômica via exploração do trabalho, discriminação racial, étnica e de gênero. Esses aspectos fornecem lastro para a análise dos contos “O estranho caso da doutora Umbelina” e “Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir” (MELO, 1999)¹.

A postura anti-colonialista, observada nos textos acima referidos, mais do que oposição a elementos estrangeiros, manifesta-se pela presença de toda sorte de conteúdos nacionais: cidades, bairros, ruas, florestas, rios, além de fatos históricos, registro de hábitos e costumes das muitas etno-culturas que compõem a identidade de um país. A ideia de nação é constantemente reimaginada e a literatura contemporânea de ênfase social, mais especificamente em Angola, desempenha essa função sob a perspectiva do olhar periférico. Benjamin Abdala Júnior ensina que “quando hoje imaginamos relações entre literatura e nacionalidade, impõe-se-nos como necessário um horizonte figurado como o sonho a se traduzir em projeto; ou seja, relações latentes em nossa situação histórica, expressas pela literatura” (ABDALA, 2003, p.136).

João Melo, escritor histórica e politicamente comprometido, caracteriza sua poética pela autenticidade afroangolana. Esse aspecto referenda-se pela postura político-ideológica encontrada nos vários livros publicados pelo escritor, sobre o qual, Pires Laranjeira destaca: “propõe um discurso eminentemente lírico (por vezes, sentimental), atravessado pelas sombras e cintilações da história, da política, da sociedade e da ideologia, o que, não sendo propriamente uma especificidade, implica, no seu caso, o imperativo da participação e a consciência da acutilante tragédia” (LARANJEIRA, 2005, p. 193).

¹Todas as citações utilizadas neste estudo referem-se a essa edição e estão indicadas pelo número da página, entre parênteses no texto.

Dessa forma, “sendo o discurso literário um específico modo do discurso social, a narrativa impunha-se como tessitura de vozes de um coro desafinado, alegoria do ruído comunicacional de fundo entre homens pretensamente dominantes e mulheres desesperada e orgulhosamente revoltadas” (LARANJEIRA, 2005, p. 196). João Melo exemplifica essa situação ao apresentar personagens femininas, ao mesmo tempo, vítimas e vingadoras, centro da narrativa que contam com a participação de um narrador-testemunha e crítico do comportamento masculino.

A crítica aos costumes e comportamentos urbanos, especialmente os afetivos e sensuais entre homens e mulheres, presente em *Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir*, cria um horizonte de expectativa instaurado a partir do título da obra, mas imediatamente subvertido pelo tom irônico da escrita e pelo desenlace das histórias contadas. Seguindo uma tendência pós-moderna, e afinado com a postura anticolonial, João Melo vale-se dos nomes de personalidades célebres e remete a outros textos. Não sendo possível encontrar Sartre e Beauvoir nos trópicos angolanos, encontra-se o existencialismo em suas personagens. O resultado consiste na reconstrução de uma memória literária, filosófica, cultural. A questão a colocar é se a subjugação da mulher e da classe social pode transformar-se em violência revolucionária e irromper em força libertadora? A leitura do texto encaminha novos questionamentos sobre a condição feminina e o ser angolano num país que busca libertar-se das amarras da colonização.

A mundividência feminina predomina na tessitura dos contos em estudo, dada a presença de personagens cujas vozes e gestos buscam a liberdade através de percursos distintos: as que esperam e as que lutam, todas investidas de uma força que contrasta com o contexto em que se inserem. As vozes femininas, silenciadas por muito tempo, timidamente se fazem ouvir e, no conjunto, são gritos de dor, de alegria, de prazer, de desespero cujos ecos não podem ser ignorados por uma sociedade que aspira ser livre, que deseja libertar-se das marcas do colonialismo e da opressão entre iguais.

Em “O estranho caso da doutora Umbelina”, a personagem que dá título ao conto resulta numa confluência de mundos em oposição, que buscam harmonia: de um lado, o mundo em que a personagem passa cinco anos de sua vida estudando medicina, de outro, os valores nacionais de sua formação identitária. “A presença do branco fez com que a África se cindisse e não só se fizesse branca e negra [...], mas começasse ela própria a incorporar, assimilando-os, os valores do

colonizador, questionando seu saber autóctone que passava a perceber como um menos saber” (PADILHA, 2007, p. 101). A partir dessa afirmação de Laura Padilha, considera-se Umbelina como personagem em conflito entre o resíduo ancestral herdado do inconsciente coletivo angolano, a assimilação da cultura do opressor e a contribuição cultural de outros povos.

A história narrada apresenta uma típica luandense que deixa o marido e o filho ainda bebê para estudar medicina em Cuba. Ao retornar ao país, o marido tem outra mulher. Sem conseguir dissuadi-lo da ideia de ter duas mulheres, a médica, embora reticente, recorre à sabedoria dos feiticeiros. O texto de Melo assim contempla o universo simbólico das comunidades primitivas. O mundo da protagonista caracteriza-se como o próprio mundo dionisíaco, espaço de plenitude, por ela alcançado. O conto revela, através da personagem Mã Fifas, que a tradição é uma forma de valorizar a diferença e a resistência, expondo o desejo de “reangolonização”, algo necessário no contexto do país, refratado pelo texto ficcional. Mã Fifas, o feiticeiro, morador do musseque, sem endereço, não faz parte do mundo oficial, assim como a cultura que representa. Nos bairros pobres em torno do centro de Luanda, encontra-se a resistência cultural. Em meio à ausência de infraestrutura, a solução que se apresenta é buscar amparo num passado de plenitude. A situação narrada no texto mostra a impossibilidade de traçar fronteiras rigorosas entre o mundo moderno e tradicional. Ressalve-se que os avanços científicos e tecnológicos chegam aos países colonizados com relativo atraso, fazendo com que a inserção de um povo num determinado momento histórico-cultural não seja dada pela questão cronológica. Se na Europa há evidências que configuram o pós-modernismo em meados do século XX, o mesmo não se verifica em países africanos.

A manutenção de práticas de magia e invocação de entidades mitológicas não pode ser entendida como atraso cultural. Tais práticas são parte do patrimônio cultural de África. O que se destaca é sua hibridação, o entrecruzamento com os hábitos trazidos pelo colonizador. No caso de Umbelina, pode-se interpretar a valorização da tradição como tentativa de resgatar um passado perdido, no qual autenticidade e autonomia estão presentes e contribuem para que se revele um eu afinado com as origens da Angola livre, no momento pré-colonial.

Do plano individual, alcança-se a noção de identidade nacional, considerando a nação como um sistema de representação cultural que produz sentidos. A nação enquanto comunidade simbólica, no dizer de Benedict Anderson, retomado por Stuart Hall, é uma “comunidade

imaginada”. Ou seja, um discurso que influencia e organiza as ações e concepções que o indivíduo tem de si mesmo. Os sentidos constituídos consideram as “estórias” contadas sobre a nação e as memórias que conectam presente e passado. A narrativa da nação representa as experiências que conectam a vida do indivíduo ao destino nacional, preexistente. Além disso, há a ênfase nas *origens*, na *continuidade*, na *tradição* e na *intemporalidade*. A identidade nacional é representada como primordial – ‘está lá, na verdadeira natureza das coisas’, algumas vezes adormecida, mas sempre pronta para ser ‘acordada’ de sua ‘longa, persistente e misteriosa sonolência’, para reassumir sua inquebrável existência. Os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história (HALL, 2005, p. 53).

No caso de Angola, considera-se que a cultura nacional pós-colonial recua a um tempo perdido, quando a grandiosidade da nação se faz inconteste. Diferentemente de ato passivo, esse retorno oculto revela a luta para buscar o eu coletivo original, tanto quanto possível. A partir dessas considerações, traz-se para o campo analítico a existência da médica-pediatra recém-formada que, no retorno a Luanda, descobre o relacionamento nada secreto de seu marido com Tina. Em “O estranho caso da doutora Umbelina”, o leitor já é prevenido logo à entrada do texto: estranho, mas não se espera tanto. Numa situação que remete ao inusitado, não há lógica, ou essa precisa ser entendida no contexto cultural da personagem, diferente dos padrões europeus de emancipação feminina. A inquietação amplia-se: ao se desencontrar com o outro, estão as personagens a se encontrar consigo próprias? Veja-se então: influenciada pela tia a valer-se dos ensinamentos de um quimbanda (feiticeiro, adivinho), a personagem mostra-se indecisa, julga que a parente deve “ultrapassar essas ideias de feitiço, quimbandas... São ideias antigas, tia! A revolução...” (p. 104).

Instala-se o choque ciência/ideais revolucionários e tradição. Contudo, decidida a buscar o conhecimento do mais velho, a médica faz um passeio por Luanda. Parece redescobrir seu espaço, que traz à lembrança um mundo abandonado, mas ainda muito presente. Umbelina deixa marido e filho para buscar a formação profissional. Ao regressar, depara-se com duas situações adversas: o marido tem outra mulher e o país está envolto em pobreza, mutilado pela guerra. “O que posso eu fazer com estas crianças? Devem passar fome em casa, não têm água potável, vivem no meio do lixo... A saúde começa por aí!... Merda, quando é que esta guerra acaba? Quando é que os sul-africanos nos deixam em paz?” (p. 105).

A personagem é construída como mulher contraditória: assume seu papel social e sente-se submissa ao esposo. Através do trabalho, Umbelina participa da OMA, mas em casa, vive para satisfazer as impicâncias do marido, segundo ela, um “homem angolano atrasado, um machista, um complexado”. Essa caracterização decorre das ações da personagem masculina, reveladoras de seu complexo de inferioridade: “Lá tens um curso superior, não penses que me pode utilizar, *camarada doutora...* [...] Chefe de departamento de uma empresa estatal, fiava-se na militância para subir socialmente. ‘Um dia ainda assumo a empresa!’ costumava dizer” (p. 108-109).

Decorrido o tempo solicitado por Mã Fifas, a tia vai ao encontro da sobrinha, sem nenhum espanto: “nas mãos que alonga para tocar a sobrinha, como se quisesse reconhecê-la, nos olhos com que perscruta, implacável, a felicidade reencontrada de Umbelina, no coração cansado prestes a explodir, como se de novo tivesse nascido” (p. 111). A nova ou antiga Umbelina se dirige à tia: “Já estou embora curada, mais-velha. Não duvida, então! O Mã Fifas fez mesmo um tratamento bem faine, agora me sinto aliviada daqueles calundus, estou do mais tóti, juro mesmo!” (p. 112). Umbelina já não é a médica, assume a identidade dos antepassados, num ritual entre místico e cômico, que remete a uma dimensão mais profunda, como se o inconsciente coletivo de um povo aflorasse nas ações de uma mulher, exemplificado também pela linguagem que a personagem passa a utilizar.

O ressurgimento da tradição faz emergir uma nova personagem, plenamente identificada com o espaço/tempo narrativo. Umbelina é, a partir do próprio nome, africana e angolana, mais do que isso, uma luandense que busca a força em sua cidade. Nessa altura, surge a lembrança de Luandino Vieira, tão enfaticamente vinculado a Luanda, a ponto de adotar a cidade como referência pessoal no próprio nome.

Como sabido, as teorias pós-coloniais assumem relevância no sentido de serem instrumentos para estabelecer o diálogo com outros textos, escritos num contexto de margem, neocolonizados, como no caso das nações africanas de língua portuguesa, em seu momento pós-colonial. A relação dialógica evidenciada torna falso imaginar que essas realidades isolam-se do mundo ou estão fechadas em si mesmas. Assim, há nos textos produzidos pelos escritores desses países, especialmente aqueles de cunho mais crítico, uma sombra da presença dos antigos impérios coloniais.

É neste sentido que importa distinguir entre o Outro cuja história colocada sob rasura acaba por dar consistência narrativa ao Eu dividido na pós-modernidade e esses outros Outros que assombram a representação já nem de sujeitos divididos mas de Eus negados enquanto tal, constituídos como perda de si [...] pela subjugação a narrativas-mestras legitimadoras da modernidade europeia, entre estas a da nação, que implica [...] uma ordem cambiante mas persistente de inclusões e exclusões (FERREIRA, 2006, p. 93).

O conto “Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir” apresenta a temática da condição feminina, através de um questionamento marcado pelo existencialismo. João Melo, aparentemente, remete à paródia da relação amorosa entre Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. No trabalho arqueológico de leitura, entretanto, outra camada se revela, ou seja, um repensar sobre a Angola pós-colonial numa perspectiva ideológico-filosófica que refrata o pensamento sartriano, deslido na construção discursiva.

O autor angolano, aparentemente, propõe a imitação de um padrão de vida europeu: Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, cuja relação assenta-se no respeito mútuo e na liberdade. Condição que lhes permite serem identificados como um casal, mas sem se destituírem do espaço individual, visto serem personalidades com identidade própria. As histórias relatadas apresentam personagens femininas que constroem sua autonomia de pensamento, a exemplo da interlocutora do narrador do conto epônimo no livro em estudo. Trata-se de uma personagem sem nome, por isso mesmo, pode remeter a muitas ou todas as mulheres que, não aceitando nem a volta dos padrões machistas da tradição, tampouco os modelos europeus, decidem ser elas próprias, ainda que essa opção tenha um preço alto no contexto evidenciado.

A história narrada apresenta o narrador em primeira pessoa, vivendo uma situação de poligamia contestada pela esposa. Na iminência da separação do casal, evoca a tradição de poligamia dos angolanos e, por último, propõe, de forma irônica, a imitação de Sartre e Simone de Beauvoir. A sugestão é feita de modo a convencer a esposa a aceitar a opção de bigamia do narrador-personagem. Não se trata de valorizar a condição feminina, aspecto amplamente defendido pela pensadora francesa. No caso do conto de João Melo, a referência a Sartre e sua companheira é feita de forma distorcida, colocando a personagem feminina em condição de inferioridade.

Uma vez evidenciada a impossibilidade da imitação, já que o fato narrado se passa em Luanda e as personagens são angolanas, a leitura se encaminha para o contexto dos pensamentos

dos franceses citados, ou seja, a liberdade coloca-se como preceito buscado. Tornar-se livre é um processo de rupturas, secções a que as personagens femininas tentam se encaminhar. O narrador em primeira pessoa assume a condição masculina e machista:

Como é que alguém que se pretende revolucionário pode tratar assim a sua própria mulher? Eu respondia, cinicamente: a revolução foi feita pelos revolucionários disponíveis (citação de Brecht). Nessa altura, eu tinha começado a dormir fora de casa. Na impossibilidade de me arrancares as vísceras, tu quebravas a loiça. O socialismo começa dentro de casa!, choravas, com todo o peso da lógica, que sabias inútil. Marxista de merda! É isso o teu marxismo?!... (p. 82).

A citação claramente remete ao contexto de Angola pós-colonial, momento em que os ideais da revolução passam a ser confrontados com a *práxis* política. A diferença é patente, a distância entre o pensamento e a organização social merece forte crítica por parte do autor, configurada pelas falas do narrador. A organização discursiva cala a voz feminina que, apesar de não se assumir como pessoa verbal, faz-se presente pela própria consciência do narrador: “Tu reconhecias: de vez em quando também me canso do teu rosto, mas isso não quer dizer que aceite que tenhas duas mulheres” (p. 85).

Ao assumir a traição em relação à esposa, o narrador não evoca as tradições poligâmicas dos ancestrais, coloca a si e à companheira na condição de “animais urbanos” com formação europeizada, ou seja, são os atos que constituem o sujeito. Apesar de não concordar com a justificativa histórica, em tom jocoso, afirma pela voz de um amigo: “a monogamia é a coisa mais antinatural que existe” (p. 83). Ao mesmo tempo, ressalta: “Só que o gajo nunca me responde quando lhe pergunto: porra, pá, e se tua mulher quiser ter vários homens? Problema angustiante: a poligamia confunde-se, pelo menos na nossa época, com o machismo – por isso é injusta” (p. 84).

A expressão do narrador revela a contradição de um ser em conflito, apesar de referenciar as características angolanas/africanas da personagem: “Pernas de imbondeiro” (p. 81). Situada etnicamente, a mulher, apresentada com forte carga de sensualidade e misticismo, conforme atesta a menção ao poeta brasileiro Jorge de Lima. A proposição de imitar Sartre e Simone de Beauvoir não encontra aceitação pela personagem feminina, que revela consciência e senso de realidade, metaforizado no texto pela menção ao sol de Luanda, a estabelecer certa distância entre os dois mundos. Angola é o presente; a França e seus cidadãos, uma evocação no plano ideológico.

Os contornos híbridos da voz do narrador põem em circulação um discurso intelectual bastante amplo. Nesse sentido, não se pretende imitar as personalidades francesas; é a consciência política que se busca reler com vistas à liberdade, não de individualidades, mas de uma coletividade que busca construir-se como nação. O requisito para tal está representado por João Melo ao evidenciar a dominação masculina, gerando personagens femininas de eus negados, sombrias, encobertas pela opressão. Assim observa-se uma tristeza camuflada pela indignação e revolta, um sentimento de vazio existencial, representativos do tom melancólico, definido como “parte integrante daqueles que ainda sofrem os efeitos do colonialismo” (FERREIRA, 2006, p.94).

As vítimas desse processo, tanto quanto as do racismo, vivem um drama íntimo, psíquico, que se projeta em termos coletivos. Verifica-se uma tensão nas relações ambivalentes, marcadas por desejo e repulsa, medo e desejo, repúdio e identificação com esse outro que pode ser o indivíduo, ou mesmo o contexto que remete ao passado colonial. O passado não é um eco que ressoa nas narrativas, está ainda muito presente. Torna-se necessário trazer à palavra as histórias individuais e, simultaneamente, coletivas, uma espécie de eu que revela uma humanidade individual.

O conto “O estranho caso da doutora Umbelina” recoloca a questão das identidades das nações e das literaturas africanas de língua portuguesa, pois nele, o indivíduo livre sinaliza a possibilidade de uma nação igualmente livre. O passeio por Luanda traz à tona a identidade primeira da personagem, o processo de cura realizado pelo feiticeiro faz emergir uma nova mulher. Umbelina “sentiu-se, pela primeira vez em toda a sua existência, protegida contra todos os males e perigos. Invencível” (p. 112). A voz adormecida durante a longa noite de espera se faz ecoar pela pátria angolana, livre como a mulher que reencontra sua identidade.

Grito de voces silenciadas en la textualidade de la retribución

Resumen: El presente estudio intenta contar la historia del escritor João Melo a una literatura de resistencia, reflexionando sobre la condición de los personajes periféricos y su relación con el contexto refratado. Sob el punto de vista de la retribución de la situación de opresión, emerge una literatura comprometida, redimensionada en la perpespetiva post-colonialista, para luchar contra la dominación, en este caso, hombres y neocoloniales representados por la anti-utopia y el formalismo post-moderno contemporâneo, esta subvertida por el metalenguaje, por la parodia y la inversión de sus expectativas de lectura. La analise vuelvese a las representaciones de la

subalternidad de la mujer y su intento de emancipación en Angola, y el discurso de construcción de la identidad, vinculada a la minoría doblemente marginalizada.

Palabras-clave: Condición de la mujer. Emancipación. Identidad. Literatura de retribución. Subalternidad.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin. Globalização e identidade: a bacia cultural ibero-afro-americana em perspectiva. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tânia (Orgs). *Literaturas em movimento: hibridismo cultural e exercício crítico*. São Paulo: Arte e Ciência, 2003, p. 127-143.

FERREIRA, Ana Paula. Fantasmas insepultos: raça, racismo, nação, In: LARANJEIRA, José Pires; SIMÕES, Maria João. XAVIER, Lola Geraldes (Orgs). *Estudos de literaturas africanas: cinco povos, cinco nações*. Coimbra: Novo Imbondeiro, 2006, p. 91-95.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

LARANJEIRA, José Pires. *Ensaio afro literários*. 2. ed. Lisboa: Novo Imbondeiro, 2005.

MELO, João. *Imitação de Sartre & Simone de Beauvoir*. Lisboa: Caminho, 1999.

PADILHA, Laura Cavalcante. *Entre a voz e a letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX*. 2. ed. Niterói: EDUFF, Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é a literatura*. Trad. Carlos F. Moisés. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.